

# **LER      UM      TEXTO      UMA      PERSPECTIVA ENUNCIATIVA**

Eduardo GUIMARÃES

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) DL-IEL/Labeurb

## **RESUMO**

*O objetivo desse texto é refletir sobre o que é analisar textos e como fazê-lo. Do ponto de vista aqui adotado considera-se que o acontecimento de leitura não é o mesmo acontecimento em que se enunciou o texto. Isso vai na direção de se pensar que o lugar de leitura não é, simplesmente, o correlato de um lugar como falante ou locutor. Utilizam-se procedimentos de análise da semântica da enunciação chegando-se à indicação de que o lugar de leitura (de interpretação) não é o lugar de Alocutário (no sentido que Ducrot dá a esse termo). É um lugar social de alocutário que não é, por sua vez, um correlato direto de um lugar social de locutor. Ler (interpretar) está envolvido com o lugar em que se é tomado para a interpretação.*

## **ABSTRACT**

*The aim of this text is to reflect on what is to analyze texts and how to do it. From the point of view adopted here it is considered that the event of reading is not the same event in which the text is enunciated. This goes in the direction of thinking that the place of the Reader is not simply the correlate of places such as those of Speaker or Locutor. Procedures of analysis proper to the Enunciative Semantics lead to the indication that the place of reading (of interpretation) is not the place of Alocutary (as Ducrot defines this term). It is a social place of Alocutary which is not, in turn, a direct correlate of a social place of Locutor. Reading (interpreting) is involved with the place in which one it is taken in order to interpret.*

## **PALAVRAS-CHAVE**

*Acontecimento. Enunciação. Interpretação. Leitura. Semântica. Texto.*

## **KEYWORDS**

*Enunciation. Event. Interpretation. Reading. Semantics. Text.*

## Introdução

Nosso objetivo é refletir sobre o que é analisar textos e como fazê-lo. Ou seja, nosso objetivo é refletir sobre o que é ler um texto ou como ler um texto. Estou utilizando aqui o verbo *ler* e os nomes *leitor* e *leitura*, tal como se faz largamente, não no sentido específico de relação com o escrito, mas no sentido de uma relação de interpretação com um acontecimento de enunciação qualquer.

Colocar a questão da análise de um texto põe de saída a necessidade de levar em conta que o acontecimento desta leitura não é o mesmo acontecimento em que se enunciou o texto. Isso vai na direção de se pensar que o lugar de leitura não é, simplesmente, o correlato de um lugar como falante, locutor, enunciador (ou outras figuras assemelhadas), como se poderia representar como segue:

Falante -----	ouvinte
Locutor -----	alocutário (interlocutor)
Enunciador-----	destinatário

Correlações como estas são próprias da cena enunciativa do acontecimento de enunciação do texto.

Para responder a perguntas como “o que é analisar um texto?” ou “como analisar um texto?” vou tomar uma posição a partir da semântica da enunciação que permite, segundo penso, indicar percursos interessantes para a prática da leitura, no sentido que dou a ela aqui<sup>1</sup>.

Se consideramos as posições encontradas largamente na bibliografia sobre o que é analisar ou como analisar um texto, poderíamos levar em conta de modo geral três relações:

---

<sup>1</sup> Nossa questão não se identifica com o que conhecemos como linguística textual, em qualquer das suas apresentações. A linguística textual não tem como objeto a interpretação de textos. Para minha questão preciso pensar, de um lado, num modo de analisar o sentido de enunciados e de outro num procedimento de interpretação de texto (já que a semântica da enunciação não é também ela própria uma teoria ou método que tenha como objeto a interpretação de textos) no qual jogue um papel importante uma análise enunciativa do sentido. Sobre isto ver Guimarães (2011).

## 1) TEXTO -----→ LEITOR

Nesta posição a análise deve decifrar o que um texto diz, pois tudo que dele se possa compreender está no próprio texto.

## 2) LEITOR ----→ TEXTO

A análise, neste caso, é a projeção de uma compreensão do leitor sobre o texto, o que poderia levar a que teríamos tantas leituras de um texto quantos os leitores que a ele se reportassem, os sentidos do texto seriam uma relação do texto com cada leitor em particular.

## 3) AUTOR ----- TEXTO ----- LEITOR

Neste caso ao leitor cabe encontrar o que o autor do texto nele significou. O Leitor aparece assim como um correlato do autor. Analisar um texto, neste caso, seria encontrar o que o autor disse a seus leitores. Aqui, tal como no caso 2, a leitura envolve uma exterioridadeposta por figuras como leitor, num caso, e autor e leitor no outro.

No entanto, há uma diferença importante para os casos 2 e 3. Em 2, à relação de análise cabe dizer tudo sobre o sentido do texto. Em 3 há uma relação entre o movimento de leitor e o do autor.

Vamos procurar mostrar como nossa posição, de uma perspectiva enunciativa, é diversa das duas primeiras, e tem uma particularidade no âmbito da terceira. Tal posição, espero mostrar, leva a consequências interessantes no modo de analisar e no modo de ensinar a analisar um texto.

## 1 Figuras da enunciação

Para refletir sobre esta questão vou, inicialmente, e de modo rápido, caracterizar as relações entre as figuras do que podemos chamar,

genericamente, as relações de interlocução no acontecimento da enunciação.

Para apresentar aqui estas figuras, das quais já tratei em muitos outros lugares, partindo e modificando as colocações de Ducrot (1984), vou tomar o funcionamento de enunciados vocativos. Tomemos dois enunciados bem conhecidos:

(1) Brasileiras e brasileiros

Enunciado que inicia o discurso do então presidente José Sarney em 18 de maio de 1987. Enunciado que se repete no interior do texto por mais 4 vezes.

(2) Prezado Senhor

Vocativo que vou tomar de uma carta encaminhada à Fapesp por um pesquisador. Reproduzo o início da carta, omitindo nomes:

(2a) Ilmo sr.

Prof. Dr. XXXXX YYYY ZZZZZ

Diretor Científico da Fapesp

Prezado Senhor,

Sem me deter muito no processo da descrição, apresento a seguir alguns aspectos relevantes deste processo e que interessam ao objetivo deste trabalho.

1. Podemos considerar que tanto “o prezado senhor”, em (2), quanto “brasileiras e brasileiros”, em (1), significam como sendo enunciados assumidos por quem os diz, vamos chamar este lugar enunciativo, tal como Ducrot (1984), de Locutor (L) e chamaremos seu correlado de Alocutário (AL).

2. Por outro lado encontramos uma diferença importante, o enunciado vocativo (1) só significa como significa na medida em que este Locutor, que se mostra responsável por ele, não é alguém em abstrato,

mas é alguém tomado pelo lugar de presidente da república (no próprio texto ele vai afirmar sua disposição de reduzir seu mandato para 5 anos). Vamos chamar este lugar enunciativo de locutor-x (ou lugar social de locutor). Este x é a variável que a análise deve preencher, no nosso caso o locutor-x é um locutor-presidente. Se observamos o enunciado vocativo (2), veremos que neste caso o Locutor que encaminha algo à Fapesp, ao seu diretor científico, não poderia ser considerado da mesma maneira que no caso do enunciado (1). Para o enunciado (2), vemos que podemos dizer que o *lugar social de locutor* é o lugar de pesquisador. Assim o locutor-x é um locutor-pesquisador. O correlato do locutor-x é o alocutário-x.

3. Um outro aspecto a considerar é que, quando o locutor-presidente diz (1), isto se formula, nos textos que integra, com um sentido de universalidade, o Locutor diz de um lugar que se significa como universal, e correlatamente é um dizer para todos. Diferentemente disso, no caso de (2), o locutor-pesquisador, se apresenta como um indivíduo específico, que assinou, no final, a carta. E diz isso para um interlocutor caracterizado por um lugar específico, que poderá lhe dizer sim, poderá lhe dizer não, segundo certos procedimentos envolvidos no caso. Trata-se de um dizer que se apresenta do lugar individual. A esta diferença de perspectiva do dizer, que constitui o que chamo *lugar de dizer*, vamos chamar de enunciador. Neste caso teríamos, para o enunciado (1) um enunciador universal, e para o caso do enunciado (2) um enunciador individual. Nos meus trabalhos<sup>2</sup> tenho também considerado dois outros enunciadores, ou lugares de dizer, o enunciador genérico, próprio, por exemplo, de provérbios e ditados populares, e o enunciador coletivo, ligado a um lugar, diríamos, corporativo, de um conjunto, que o dizer apresenta como um todo específico. Ao correlato do enunciador, chamamos de destinatário.

Ou seja, consideramos que a cena enunciativa não é unívoca, Nela devemos considerar:

---

<sup>2</sup> Ver Guimarães (2002), por exemplo.

Locutor (L) ----- Alocutário (AL)  
locutor-x (l-x) ----- alocutário – x (al-x)  
enunciador (E) ----- destinatário (D)

## 2 O Leitor e as Figuras da Enunciação

Segundo as colocações acima sobre a cena enunciativa, podemos nos perguntar, de que lugar se analisa um texto? Para isto vou deixar de lado a relação enunciador destinatário e fazer atenção às relações *Locutor* – *Alocutário* e *locutor-x* – *alocutário-x*:

Locutor-----Alocutário  
Locutor-x (lugar social de locutor) ----- alocutário-x (lugar social de alocutário)

Qual é o lugar de leitor (daquele que analisa um texto), se levamos em conta as duas relações consideradas acima? O de Alocutário ou de alocutário-x (lugar social de alocutário)?

Antes de responder voltemos a algo que já dissemos antes. De certo modo poderíamos considerar que este lugar de leitor é o correlato do lugar da relação de autor. No entanto é necessário precisar como entendemos o que é a relação de autor e o que é ser leitor relativamente a esta relação. Do nosso ponto de vista, a relação de autor se caracteriza como um engajamento do lugar social de locutor (*locutor-x*) com o todo do texto. O correlato deste lugar de autor, enquanto lugar social, é o lugar social do alocutário.

Isto tem uma importante repercussão. Na medida em que a relação de autor é tomada como uma relação do *lugar social do locutor* com o texto e não uma relação do *Locutor* com o texto, estamos levando em conta que o todo do texto, com o qual se engaja o autor, não se caracteriza pela propriedade do uno, pela unicidade. O texto, de nosso ponto de vista, é uma unidade de significação não linear, não segmental, não

únivoca, não lógica. A relação de autor se caracteriza como díspar do Locutor (garantidor da unicidade do texto). Assim analisar um texto é ser tomado por esta disparidade, é levar em conta o caráter não uno do texto, não linear, não unívoco, não lógico. É ser tomado pelas relações do texto consigo mesmo e com o que lhe é exterior, os lugares de autor e leitor. Deste modo nossa posição, de certo modo, se relaciona com a terceira configuração do sentido de leitura apresentada há pouco, no entanto, como procuraremos mostrar, nossa concepção enunciativa do agenciamento da leitura apresenta uma caracterização específica neste cenário.

Para avançar, vejamos a questão por outro ângulo. A relação de leitor com o texto não corresponde, portanto, ao lugar do Alocutário. Ou seja, ser leitor (analisar um texto) não é ler no texto o que nele está estritamente marcado, como seu sentido, pelo Locutor.

O sentido de um texto, como tantas posições hoje assumem, não está todo no texto. Em outras palavras, a análise de um texto não está toda prevista nas formas linguísticas que o Locutor apresenta e organiza, de um certo modo.

Ou seja, como dissemos acima, a análise do texto não se dá na relação

Locutor -----Alocutário

A relação de leitor com o texto se faz a partir do lugar do alocutário-x (lugar social de alocutário),

Está tomado na relação

Lugar social de locutor -----lugar social de alocutário

ou seja, ser leitor é estar num lugar social, portanto histórico, no intercurso enunciativo.

O que isto significa é que a relação de interpretação com o texto abre um novo jogo de cena enunciativa, que precisa, é verdade, dar conta de encontrar, descrever e interpretar como estão configuradas as cenas pela

relação de autor. Se a representação de unidade (da unicidade, do uno) do texto se dá do lugar do Locutor, a relação de autor é um engajamento relativamente ao todo do texto a partir do lugar social de locutor. O todo do texto significa assim por uma relação com o fora do texto, com o múltiplo, portanto.

Deste modo a relação de análise de texto (de “leitor”), coloca em cena diretamente a relação do texto com o que está fora dele, exatamente porque não se dá na relação com o Locutor, mas com o lugar social de locutor (locutor-x). Mas se fosse só isso estariamos ainda muito próximos de considerar, mesmo sem tomar o texto como uno, que o leitor é um correlato direto do autor. Vejamos como não é este o caso. O lugar de autor não vincula necessariamente o lugar de leitor. Não estamos tomados como leitores no lugar que o texto prevê para seus leitores. Este lugar “previsto” pelo texto é parte dos seus sentidos, mas não é de onde nós vamos, necessariamente, analisá-lo, lê-lo. Analisar um texto não é assumir o alocutário-x que o texto significa.

Um mesmo texto pode ser lido de lugares que agenciam lugares de alocutários diferentes. Tomemos como exemplo um texto que já analisei em outra ocasiões, “Ultima Canção do Beco” de M. Bandeira<sup>3</sup>. A leitura deste texto pode se fazer do lugar do historiador. Se feita deste lugar, ela traz para o processo de leitura aspectos particulares próprios de uma concepção do que seja o objeto da História. Não se trata aqui de considerar, por esta colocação em cena dos interesses do lugar do leitor, as motivações pessoais, psicológicas, simplesmente. A relação de leitor não é uma relação de vontade de uma pessoa, é um lugar constituído pela cena enunciativa. Ou seja, a relação de leitor não se dá como uma relação falante/ouvinte, pragmática. É por isso que estas duas categorias, falante – ouvinte (tal como se definem na pragmática como a pessoa que fala e a quem se fala), são insuficientes para considerar o processo de interpretação das enunciações.

---

<sup>3</sup> Ver Guimarães (2011), p. 113 – 122.

Voltando à cena enunciativa, na relação  
locutor-x -----alocutário-x

compreender o que um falante (no sentido, agora, que dou a este termo) ou Locutor disseram não é assumir o lugar de alocutário-x, projetado pelo autor ao assumir o todo múltiplo do texto. Ser leitor é ser tomado por um lugar social de leitor, em outro acontecimento (em outra temporalidade) que não é o acontecimento da enunciação do texto. O lugar social de leitura é, diríamos, um alocutário-y a partir do qual se interpreta, inclusive, as relações da cena enunciativa que o lugar de autor projeta. Ou seja, não se pode analisar um texto sem levar em conta seu próprio modo de enunciação e aquilo que ele estabelece pelo funcionamento de suas formas de linguagem, mas o lugar de leitor não é o lugar projetado no texto pelo autor.

### **3.1 Analisando um texto: um exemplo**

Feita a escolha de um texto para análise, no nosso exemplo o poema “Última Canção do Beco” de Bandeira, esta deve, dada a posição que aqui assumimos, ser feita passo a passo.

#### **3.1.1 Passo 1 – o Contato com o texto**

O primeiro passo será sempre, obviamente, entrar em contato com o texto pela sua leitura atenta. Como parte deste passo, pode-se, eventualmente, fazer uma pesquisa sobre, no caso de nosso exemplo, Manuel Bandeira, sua poesia e especificamente sobre as canções do Beco que ele escreveu. Se estivermos pensando no ensino, esta pesquisa deve, como sabemos, variar de nível de exigência segundo a série da turma a que o texto for apresentado.

Este aspecto, o contato com o texto e uma pesquisa sobre sua história e do autor, que é uma etapa simplesmente preparatória, tem importância, pois terá desdobramentos no próprio processo de interpretação e compreensão do texto e poderá ajudar a que se faça uma interessante

discussão a partir da melhor compreensão do texto. Esta atividade de pesquisa pode ser ou não combinada com um professor de história, ou outro, segundo o caso. Este passo é importante no sentido de que ele deve mostrar que analisar um texto envolve o interesse por outros textos que podem ajudar a melhor comprehendê-lo.

No caso do ensino, o professor conversa com o grupo mostrando certos aspectos que chamam a atenção no texto, por razões diversas, que podem ser observadas pelo modo como o texto está constituído por sua linguagem. O professor pode rapidamente indicar alguns destes aspectos e depois passar a cada passo<sup>4</sup>.

Quanto ao poema considerado no nosso exemplo, deve-se observar que ele faz parte de uma série de poemas sobre “o Beco”, que a palavra *Beco* está no título e é repetido no decorrer do poema, etc. A partir destas observações preliminares pode-se chegar a escolher um conjunto de aspectos para análise, e isso independentemente da linearidade do texto (início, meio, fim). Para o nosso exemplo, escolhamos aqui dois aspectos: o sentido da palavra *beco* no poema, a relação locutor interlocutor no poema (Uma análise minimamente desenvolvida deste texto envolve mais que isso, sem dúvida).

### 3.1.2 Passo 2 – os sentido de *Beco*

Cumprida a etapa inicial do Passo 1, vai-se para um segundo passo, o de analisar os aspectos identificados como de interesse. Para o nosso exemplo, tomemos o primeiro aspecto referido há pouco (o sentido da palavra *beco*). Esta análise leva a encontrar dois caminhos de determinação do sentido da palavra. A palavra se repete (se reescrita)<sup>5</sup>, várias vezes e nesta repetição vai recebendo predicações como as que estão nas estrofes 1 e 2 (minhas tristezas, perplexidades). Nesta linha de retomadas *beco* é o beco da casa e do quarto. Observa-se ainda que nas

---

<sup>4</sup> Sobre questões relativas ao ensino da “leitura” ver o ultimo capítulo de Guimarães (2011).

<sup>5</sup> Reescrita-se por repetição, para usar uma terminologia mais específica que tenho utilizado. A reescrita é um procedimento que em certa medida rediz o que já se disse (Guimarães, 2007).

estrofes 4 e 5, encontramos também uma repetição da palavra e outras predicações (rua de mulheres, convento das carmelitas, pobres, etc). E nesta sequência *Beco* se reescritura (é retomada) por *Lapa*, por exemplo. Desse modo podemos ver que, no primeiro caso, *Beco*, sendo reescrito por *esta casa* e *meu quarto* leva a uma relação em que

Quarto | casa | beco | Lapa<sup>6</sup>

Por outro lado, como vimos, *beco* é reescrito por *Lapa*, por generalização e assim se tem

Lapa | beco | casa | quarto.

Assim, a análise da designação de *beco* nos dá, no primeiro caso, uma passagem do íntimo ao social e, no segundo, a passagem do social ao íntimo. No primeiro caso o lugar do poeta (“o quarto que vai ficar na eternidade”, como memória) dá sentido à Lapa. No segundo a Lapa (bairro de mulheres, carmelidas, etc) dá sentido ao lugar do poeta.

### 3.1.3 Passo 3 – a quem o poeta fala

O outro aspecto (recorte) que escolhemos no caso do nosso exemplo foi a relação de interlocução do poema. Observando, inclusive, o próprio processo de determinação do sentido de *Beco*, acima indicado, encontramos um deslizamento pelo qual ora *Beco* é aquilo a que o poeta se refere (por exemplo, versos 1, 3, 8, 15) e ora *Beco* é o interlocutor do poeta (por exemplo, versos 7, 23, 24, 27, etc).

Ou seja, considerando somente a relação do lugar social de locutor teríamos:

- (1) *Locutor-poeta fala ao alocutário-que lê*

---

<sup>6</sup> O sinal | se lê determina (atribui sentido a).

(2) *Locutor-poeta fala ao Beco*

Em (1) as características de beco são relativas à vida íntima do poeta.

Em (2) as características do beco são relativas às características sociais do beco.

Ou seja, enquanto referido pela palavra *Beco*, o Beco se caracteriza pelos estados de espírito do poeta; enquanto alocutário do poeta, o Beco é predicado relativamente à sua população, que na história, vai da religião ao pecado, passando por, e incluindo, a pobreza. Em outras palavras, quando o Beco é referido, as características que o determinam são afetivas, quando o Beco é o interlocutor, suas características são objetivas, sociais.

A análise do poema vai se desenvolvendo pela consideração de aspectos que vão se tornando relevantes a partir destas primeiras análises, ou por que tenham sido escolhidos desde o começo. A interpretação do poema se fará pela projeção da análise de cada um dos aspectos sobre a análise dos outros aspectos, de modo a se ir chegando a uma compreensão cada vez mais sustentada do que se analisa, a partir de uma tomada de posição.

Com este tipo de procedimento, que se faz sem nenhuma remissão necessária à linearidade do texto, é possível fazer uma reflexão sobre o texto observando aspectos muito específicos. E isto está sustentado em aspectos do texto, e não simplesmente em opiniões pessoais. É evidente que, a partir da análise, pode-se tomar posições para além do texto, motivados pela análise feita, mas isto é já outra coisa.

Uma análise como esta pode ser finalizada com uma boa síntese do conjunto das descrições e interpretações específicas realizadas.

Não é muito difícil ver como estas análises são diversas, e como a análise semântica é capaz de ajudar a chegar a uma compreensão do poema relativamente a sua significação, e não simplesmente como um documento, uma pista da história, um sintoma de algo<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Para uma análise mais desenvolvida deste texto ver Guimarães (2011), p. 113-122.

## 4 O lugar do analista do texto

Além dos aspectos gerais postos até aqui, o principal, nesta questão, é que mesmo que o poema, cuja análise apresentamos como exemplo, tenha como locutor-x um locutor-poeta, e a autoria do poema se dê pelo engajamento deste lugar de poeta ao todo múltiplo do poema, o lugar do qual esta análise é feita não se dá como simples correlato deste locutor-poeta. A interpretação do texto não se dá do lugar do leitor de poesia, simplesmente. É preciso tomar uma posição que nos permita escolher o que queremos analisar e assim fazer uma descrição e interpretação a partir dos procedimentos que esta posição de leitura trouxer. Foi o que fizemos no exemplo apresentado logo acima.

A posição de semanticista que assumimos neste exemplo permite que façamos análises sem reduzir o texto ao que ele refere simplesmente, ou a seus aspectos de coerência interna capazes de sustentar a posição que um certo tipo de historiador buscara. Pela posição de semanticista podemos escolher aspectos de linguagem, não estou dizendo gramaticais, estou dizendo de linguagem, e proceder a análises que vão se projetando uma sobre as outras e levando a uma interpretação sustentada do texto. E como podemos caracterizar enunciativamente este lugar do analista do texto?

Primeiro aspecto importante, o falante, no sentido que dou a este termo, como figura do espaço de enunciação, é agenciado em leitor enquanto alocutário-y e não enquanto Alocutário. A análise do texto (a interpretação), feita do lugar de leitor, é ela própria um outro acontecimento, é de um outro tempo. Um tempo que é projetado pelo acontecimento de enunciação como uma relação do presente ao futuro: o futuro é, no acontecimento do texto, o tempo da interpretação.

Deste modo fica posto que a análise de um texto, a relação de leitura, de interpretação, é sempre uma relação que não consegue escapar a certos traços de anacronismo. Não se interpreta do lugar correlato ao do Autor. Isto seria uma mera e impossível reprodução de suas intervenções

no processo de construção do texto. A relação de leitor vem de outro lugar, de outro acontecimento, e faz funcionar a temporalidade do acontecimento de modo particular.

O que procuramos desenvolver aqui foi como é possível estabelecer um procedimento, de um lugar de *leitor-semanticista*, capaz de levar em conta o processo enunciativo (de caráter histórico-político) de constituição do sentido e assim dizer que sentidos são produzidos num texto e como compreender este processo de produção de sentido, para que a análise do texto não seja, simplesmente, a simples “decodificação” do que a posição do Locutor (no sentido que Ducrot (1984) já dava a esta figura da enunciação) constitui como unicidade textual<sup>8</sup>.

Do lugar de semanticista, poderia me perguntar que ganho este tipo de análise pode trazer. Para isto a análise não pode ser a reprodução pura e simples do que faz um falante (porque seria inútil), mas não pode ser algo que simplesmente desconhece o que faz o falante quando lê, por exemplo, e os sentidos que ele encontra no texto. É preciso interpretar os sentidos do texto não como se estivéssemos, simplesmente, no lugar do falante. É preciso fazer com que a interpretação seja objetivamente direcionada por um procedimento expressamente estabelecido para que assim se tenha um ganho de compreensão que mostre o que o texto significa e não necessariamente o que pessoas específicas dizem que o texto significa.

Isto significa dizer que a análise do texto não se dá na correlação

AUTOR-----LEITOR

Nem mesmo na relação

AUTOR ----TEXTO ---- LEITOR

A relação que se tem, vou representá-la como segue

---

<sup>8</sup> Sobre o sentido do que seja compreensão no processo de interpretação, valemo-nos aqui da análise de E. Orlandi (1987, 1996, entre outros), mesmo que esta noção esteja aqui deslocada para o quadro de uma análise enunciativa.

Autor ----- TEXTO

||  
Leitor

A não colocação do autor e do leitor na mesma sequência horizontal da linha indica, neste diagrama, um outro tempo, um outro acontecimento, indica a disparidade do lugar do leitor relativamente ao lugar de autor.

Ser autor e ser leitor são relações constituídas por acontecimentos diferentes relativamente ao mesmo texto, e isto por si significa a não univocidade dos sentidos para um texto, significa a abertura do texto a interpretações segundo os lugares de leitor que se constituírem para a análise.

Se colocamos isso levando em conta que analisar um texto não é simplesmente interpretá-lo deste lugar de alocutário-leitor tomado no intercurso cotidiano da linguagem, temos que considerar que ao analista, tal como faço aqui, cabe apresentar seu lugar de leitor, seu lugar de interpretação. Trata-se nesse caso de considerar a leitura como um procedimento próprio à linguagem, mas também como um processo que procura dar à interpretação uma sustentação própria de procedimentos científicamente estabelecidos. É preciso constituir um procedimento específico que, ao lado de levar em conta a disparidade entre relação de autor e relação de leitor, não se descurve daquilo que é a relação de autor e não se transforme a interpretação numa prática própria da onipotência do sujeito. Ler é dispor de um procedimento que estabelece uma distância e ao mesmo tempo exige uma descrição do material analisado.

Quanto à questão do ensino, da posição que tomei para análise, podemos ensinar um modo de interpretar textos que pode ser constituído passo a passo. Escolhido o texto podemos escolher alguns aspectos e mostrar a análise para os alunos. Em um cenário mais complexo, escolhido o texto podemos pedir que os alunos analisem os aspectos que

escolhemos. Em um cenário ainda mais complexo, podemos pedir que os alunos indiquem que aspectos devem ser analisados. Depois fazem as análises e esta análise pode ser discutida. Ao final se pode pedir que cada um faça um texto apresentando a análise a que chegou a partir da escolha dos aspectos a serem considerados.

## CONCLUSÃO

Como vemos, deste ponto de vista, a relação

AUTOR ----- TEXTO

||

LEITOR

é uma relação constituída por uma disparidade. Esta disparidade se constitui porque o acontecimento da leitura não é do mesmo tempo que o acontecimento de enunciação do texto.

A relação de autor expõe o acontecimento de enunciação a um memorável, àquilo que de uma história de enunciações significa num acontecimento específico. A relação de leitura, naquilo em que ela está prevista pelo acontecimento da enunciação do texto, se dá como uma relação do presente ao futuro deste acontecimento, na medida em que, e somente nesta medida, ela está prevista pela futuridade própria do acontecimento da enunciação do texto. A futuridade do acontecimento o expõe a outros acontecimentos (de leitura, inclusive). A leitura está projetada pelo acontecimento do texto, por sua futuridade, mas se dá como outro acontecimento, em outra temporalidade.

## Referências

- DUCROT, O. (1984) “**Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação**”. O Dizer e o Dito. Campinas, Pontes, 1988.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, Pontes. (2002)
- \_\_\_\_\_. “**Domínio Semântico de Determinação**”. A Palavra: Forma e Sentido. Campinas, RG/Pontes. (2007)
- \_\_\_\_\_. **Análise de Texto**. Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, RG. (2011)
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo, Cortez/Editora da Unicamp. (1988)
- \_\_\_\_\_. **Interpretação**. Petrópolis, Vozes. (1996)